

Ocorrência de *Curvularia senegalensis* em Pupunheira e Palmeira Real no Brasil

Álvaro F. Santos¹, José L. Bezerra², Dauri J. Tessmann³ & Luiz S. Poltronieri⁴

¹Embrapa Florestas, Estrada da Ribeira Km 111, Cx. Postal 319, CEP 83411-000 Colombo, PR, e-mail: alvaro@cnpf.embrapa.br; ²CEPLAC/CEPEC, Ilhéus, BA; ³Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR; ⁴Embrapa Amazônia Oriental, Cx. Postal 48, CEP 66017-900, Belém, PA

(Aceito para publicação em 24/02/2003)

Autor para correspondência: Álvaro F. dos Santos

ABSTRACT

Occurrence of *Curvularia senegalensis* on peach palm and king palm in Brazil

A leaf spot caused by *Curvularia senegalensis* is

reported for the first time on peach palm (*Bactris gasipaes*) and on king palm (*Archontophoenix* sp.) from orchards in Southern Brazil.

O Brasil é o maior produtor, consumidor e exportador de palmito do mundo. Estima-se que aproximadamente 99% do palmito comercial brasileiro, ou seja, cerca de 70 mil toneladas, procedam do extrativismo oriundo, principalmente, do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), na região do delta do rio Amazonas, e, em menor escala, da juçara (*Euterpe edulis* Mart.) na Mata Atlântica das regiões sul e sudeste do país.

Neste contexto, o cultivo da pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) e da palmeira real (*Archontophoenix* sp.) para palmito constituem-se em importantes alternativas agroecológicas para diversificação e fonte de renda para sistemas de produção em várias regiões brasileiras.

No ano de 2000 foram recebidas mudas de palmeira real e pupunheira no Laboratório de Fitopatologia da Embrapa Florestas, em Colombo-PR, oriundas de viveiros localizados em Juquiá-SP e Morretes-PR, respectivamente, apresentando sintomas de uma doença foliar, caracterizada por manchas arredondadas, marrom-avermelhada. Nos casos mais severos a coalescência das lesões causava secamento das folhas.

O agente etiológico foi isolado da pupunheira e da palmeira real a partir de segmentos de folhas com sintomas da doença, os quais foram previamente desinfestados em solução de 1% de hipoclorito de sódio, lavados com água destilada esterilizada, secados em papel de filtro esterilizado e colocados em meio de batata-dextrose-ágar (BDA) com ampicilina e clorofenicol. As placas foram mantidas a 25 °C, no escuro. Sete dias após, desenvolveram-se colônias típicas de *Curvularia* sp. de coloração negra, velutinas e

estromas ausentes e um micélio abundante, de cor castanha e septado. Conidióforos macronematosos, flexuosos, castanhos, septados, lisos, não ramificados. Conídios solitários, acropleurógenos, curvados, elipsóides a fusiformes alargados, com quatro septos, raramente com cinco septos, com as células centrais distintamente maiores e mais escuras que as células terminais, medindo 25,7 – 31,4 X 11,4 – 12,7 µm, tendo como extremos 11,8 - 35,7 X 7,5 – 15,7 µm. Pelas características apresentadas foram enquadrados na espécie *Curvularia senegalensis* (Speg.) Subram. (Subramanian, 1971).

Procedeu-se o teste de patogenicidade em folhas destacadas e em mudas de pupunheira e de palmeira real com oito meses de idade. Utilizaram-se os isolados de *C. senegalensis* da pupunheira e da palmeira real, cultivados em BDA durante sete dias a 25 °C, no escuro. A inoculação foi efetuada com discos de meio de BDA de 5 mm de diâmetro contendo micélio em crescimento ativo depositados sobre as folhas com ferimentos circulares com até 5 mm de diâmetro. Efetuaram-se testes de inoculação cruzada, utilizando-se os isolados de pupunheira, e os de palmeira real. As mudas e as folhas destacadas testemunhas receberam apenas disco de BDA. Dez dias após, foram observados os sintomas da doença. Os quatro isolados de *C. senegalensis* apresentaram a mesma patogenicidade aos dois hospedeiros testados.

Estes resultados são os primeiros registros de *C. senegalensis* para o Brasil e para os hospedeiros pupunheira e palmeira real.

02072